

## **O PERSONAGEM NEGRO NO LIVRO FOGO MORTO.** Carla de Fátima Cordeiro, Célia Aparecida Ferreira Tolentino. – Sociologia - Ciências Sociais - Departamento de Sociologia e Antropologia - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília.

Este trabalho tem como objetivo analisar os personagens negros no romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, publicado em 1943, última obra que compõe, segundo o próprio autor denomina, o ciclo da cana-de-açúcar. *Fogo Morto* é considerado um dos mais importantes livros do chamado regionalismo nordestino, movimento que tinha como mentor intelectual Gilberto Freyre.

A história se passa na zona açucareira do nordeste de tradições do século XVI, no momento em que a estrutura tradicional está se decompondo por causa de uma nova força econômica, a usina e o capitalismo moderno. Mais precisamente, nos engenhos decadentes do município de Pilar, na Paraíba. A obra descreve o fim de uma era, a crise do patriarcalismo açucareiro no Nordeste, no momento em que se ressentia mais claramente a sua perda econômica e de prestígio. Os personagens negros são analisados pensando-os em relação à sociedade escravocrata e patriarcalista na qual se ambienta o romance para, em seguida, confrontá-los com as teses de Gilberto Freyre sobre as relações raciais no Brasil.

Na perspectiva metodológica de Antonio Candido (2002), para a compreensão de um fenômeno literário deve-se considerar a conjunção do conteúdo e forma na obra de arte para, desse modo, compreender a representação social no texto cujo condicionamento narrativo é constituído de fatores internos e externos.

Queremos constatar os elementos da realidade social presente no texto literário, para isso achamos o que se chama de “narrador social”. Este é o narrador que, contido na obra literária, fala sobre o seu tempo e vai além do autor para representar o seu segmento social e suas perspectivas históricas e ideológicas. É o narrador social que expressa uma visão de mundo que é resultado da sociedade que forma uma geração ou uma camada social. Sendo assim, quem fala para nós em *Fogo Morto* não é somente José Lins do Rego, mas todo um contexto, a geração da época em que foi escrito o livro, o narrador social que se reveste de suas personagens.

Apesar de não haver uma pretensão meramente literária, foi na literatura que o regionalismo teve mais destaque, particularmente naquela que despontou nos fins da década de 1920. A corrente regionalista segundo Candido & Castello (1968) foi uma das correntes mais poderosas da nossa literatura e, em parte dos seus escritos, estão presentes os elementos pitorescos, o dado concreto, a vivência social e telúrica da região, ainda assim esses escritores eram bastantes diversos uns dos outros.

O livro *Fogo Morto* tem ligação direta com Movimento Regionalista Nordestino, movimento liderado por Gilberto Freyre. Os regionalistas o pretendiam exaltar os valores regionais do Nordeste em detrimento do restante do Brasil, seus realizadores desejavam desenvolver no Brasil outros regionalismos que se juntassem ao do Nordeste. Segundo Castello (1961), eles aspiravam uma reorganização do Brasil, que os brasileiros deixassem as tradições européias para trás e voltassem para “meio nacional”, visando uma articulação inter-regional, não simplesmente estadualista, para melhor compreensão dos problemas e definição da nossa unidade nacional. Esse era o critério que devia prevalecer nos estudos da cultura brasileira: os da sua natureza, do homem, da paisagem, os valores e a tradição deviam ser preservados contra a indiferença e os estrangeirismos.

Segundo Almeida (1999), *Fogo Morto* procura colocar em prática aqueles ideais estéticos defendidos por Gilberto Freyre e por ele mesmo no decênio anterior, uma criação artística fundada nas vivências pessoais de cada um, apta portanto a desvendar aspectos novos do cotidiano regional, que os preceitos acadêmicos haviam banido da esfera artística. Com isso a obra atingiria o ponto mais alto do regionalismo e, além do seu valor artístico, adquire o sentido de verdadeiro depoimento.

Na sua principal obra *Casa-Grande Senzala* (1933), Gilberto Freyre frisava o caráter pacífico das relações entre negros e brancos no Brasil, tanto no período da escravidão quanto após esta. Isso se deve, segundo esse autor, ao patriarcalismo brasileiro que criou uma escravatura humanizada e às peculiaridades da história dos portugueses e seus descendentes que tornaram a sociedade brasileira uma sociedade racialmente democrática, pois a miscigenabilidade, a mobilidade e a aclimação, são características da cultura portuguesa. Quando o patriarcalismo acabou em 1888, segundo Freyre, os

escravos ficaram desamparados, pois, na sua concepção, este os alimentou relativamente bem, os ajudou na velhice e deu aos filhos de escravos oportunidades de ascensão.

Como resultado, ao analisar a história de *Fogo Morto* vemos que, apesar de algumas identificações de José Lins com o pensamento freyreano, a narração dos fatos cotidianos denuncia as situações de um mundo alicerçado na violência e desprezo dos senhores para com os subalternos, relações nada harmoniosas entre os senhores e seus escravos, assim como a triste vida dos negros libertos às franjas da escravidão. A condição de negro liberto pouco se diferencia da do escravo. As relações inter-raciais são cruéis e desumanas; mesmo para os escravos libertos, a liberdade não significa uma nova maneira de enxergá-los. Quando chega a abolição os negros do engenho Santa Fé vão para outros engenhos, ou seja, a servidão não termina, só muda de lugar.

Conclui-se que, apesar de Gilberto Freyre ser o grande mentor do projeto de uma literatura regionalista e José Lins do Rego o seu mais afinado discípulo, as relações raciais expostas no romance *Fogo Morto* questionam as teses do sociólogo.

#### Bibliografia:

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história e literatura*. 8 ed.. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 3 ed., 3 volumes. São Paulo: Editora Difusora Européia do Livro, 1968.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: EDART, 1961.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Editora Global, 2003.